



Núcleo de Pesquisa, Ensino e Extensão em Pecuária

[www.ufpel.edu.br/nupeec](http://www.ufpel.edu.br/nupeec)



## Retenção de Placenta em Vacas Leiteiras

**Sofia del Carmen Bonilla de Souza Leal**- Graduanda em Medicina veterinária

**Elizabeth Schwegler** – Médica Veterinária, Doutoranda em Veterinária

**Carolina Bespahok Jacometo**- Zootecnista, Mestranda em Zootecnia

**Viviane Rohrig Rabassa** – Médica Veterinária, Doutoranda Em Veterinária

**Marcio Nunes Corrêa** – Dr., Prof. Adjunto Fac. Vet. – UFPel;

Pelotas, junho de 2010

A retenção de placenta é uma das afecções clínicas mais frequentes do periparto, afetando em torno de 7% do rebanho leiteiro do país, podendo ocasionar perdas econômicas nas propriedades produtoras de leite, atribuídas ao fato de que os animais acometidos diminuem notavelmente a produção de leite. Esse distúrbio pode ser desencadeado por uma série de fatores como: uma distensão excessiva do útero durante a gestação, partos distócicos ou prematuros, falha de manejo que submetam os animais a grandes estresses como o uso de choques elétricos ou cachorros nas mangueiras, deficiência de vitaminas e minerais na dieta, hipocalcemia, distúrbios hormonais e doenças como leptospirose, brucelose, entre outros. É importante ressaltar que a maioria dos fatores predisponentes à retenção é de fácil prevenção, podendo de maneira simples serem consideravelmente reduzidas às perdas econômicas causadas por este problema.

Embora seja um problema que acomete geralmente vacas mais velhas, pode ocorrer também em novilhas, nas quais o problema pode ser considerado ainda mais grave, pois a probabilidade de complicações subseqüentes na vida reprodutiva desse animal aumenta, podendo levar até a futura infertilidade. A placenta deve ser expulsa em até doze horas após o parto ou aborto, a partir deste, começa a ser um fator de complicação, já considerado patológico. Com a retenção de placenta há um atraso na involução uterina, aumentando os riscos de metrites por infecções secundárias. Além disso, leva a uma redução do consumo de matéria seca, aumento do intervalo entre partos, devido à intensificação do balanço energético negativo, e elevando também as chances desse animal desenvolver uma série de doenças metabólicas, bem como o deslocamento de abomaso e cetose, agravando ainda mais as perdas quanto a produtividade.

As práticas preventivas incluem estratégias de bom manejo durante o período do periparto, tentando diminuir ao máximo o estresse dos animais nesse período. Suplementação com níveis adequados de Vitamina E e Selênio também pode reduzir a incidência da retenção.

Quando o problema se faz presente, o uso de tratamentos hormonais acelera potencialmente o restabelecimento uterino. A indicação consiste na administração de hormônios que ajudem na expulsão das membranas retidas por aumentar as contrações uterinas. Um dos hormônios é a ocitocina, mas o seu uso é limitado, pois sua ação é

eficiente de seis a onze hora após o parto, período que ainda não é considerado retenção de placenta. Já o ECP (cipionato de estradiol), se mostra eficiente auxiliando na abertura da cérvix, para permitir a saída dessas membranas fetais, e ainda a prostaglandina que age no mecanismo de separação-expulsão da placenta.

A remoção manual e antibioticoterapia intra-uterina são práticas comuns em veterinária para reverter quadros de retenção, mas estudos mais recentes mostram que a manipulação intra-uterina diminui os mecanismos de defesa uterina, e aumentam a chance de contaminação, portanto é atualmente contra indicado. O tratamento com antibióticos sistêmicos é o que tem demonstrado maior eficiência no tratamento da metrite subsequente à retenção. Deve ser levado em conta que o uso de antibióticos envolve um período de carência para a venda de leite, mas a vantagem do uso dos mesmos é certamente maior considerando as possíveis perdas se não for aplicado o tratamento. Em conjunto, todas essas práticas visam conter os prejuízos causados por esse problema que hoje afeta a grande maioria das propriedades leiteiras do Brasil.

Em suma, um bom manejo, evitando ao máximo a submissão das vacas a fatores estressantes, uma dieta rica em vitaminas e minerais adequadas ao período de transição, e um calendário sanitário em dia são práticas que estão ao alcance do produtor, e representam uma porção importante para a redução de prejuízos causados pela retenção de placenta e o seu tratamento.